

## Cartas de Paris – Touradas em Madrid

Sem querer me “amostrar”, lutando contra um câmbio desleal (6 € para R\$ 1 – número cabalístico, ainda marcado na memória do trabalhador brasileiro) e tomado de uma coragem impulsiva, resolvi atravessar o Atlântico rumo às touradas em Madrid. E o que por lá eu vi faria inveja a Peri e Ceci. Andei a pé, de trem, carro e avião; da Galícia à Andaluzia; da Comunidade de Madrid até a Catalunha. E o que presenciei numa das regiões mais empobrecidas da Espanha (o Sul) está 500 anos à frente das nossas regiões mais ricas.

Poderiam me dizer que a região conta com uma civilização há mais de dois mil e duzentos anos (sim, desde cerca de 200 a.C.); mas é igualmente verdade que, como nação unificada, ela tem praticamente a nossa idade (cerca de 500 anos). E as coincidências não param por aí: a Espanha desembarcou da Ditadura Franquista em 1975; a gente começou a sair da nossa em 1985. Aqui, temos cerca de 15% do nosso país incluído na região semiárida; por lá, também. A diferença — talvez em razão da menor extensão territorial daquela nação peninsular — é que a sensação que nos passa é de que a paisagem seca percorreria o país de norte a sul.

Mas a aridez espanhola, de cabo a rabo, teria o mesmo impacto da nossa? Tive notícias (por ouvir dizer) de que, há pouco tempo, um cônsul israelense esteve lá, no meu Sertão (Delmiro Gouveia), conhecendo a região e que, depois de rodar muito pela caatinga, teria questionado a um dos seus cicerones quando conheceria a área seca do município. Sim, foi isso mesmo que você entendeu: nem a nossa área “mais desértica” beira o descampado israelense. O problema, então, não seria o bioma, mas sim a gente? Penso que, em parte, sim.

E a realidade ibérica? Vi autoestradas a perder de vista, quatro ou cinco pistas de cada lado, jardins. Isso mesmo: jardins floridos por quilômetros a fio, numa secura igualmente sem fim. Vi cidades medievais ou centros históricos medievos completamente limpos (os das grandes metrópoles), sem trânsito, num comando estatal/urbanístico muito claro: “Eu, o Estado Espanhol, vou te dar calçadas, passeios, árvores e sombra para vocês andarem a pé, produzirem serotonina e conviverem em paz entre si. Eu te ofereço transporte coletivo de qualidade (ônibus e metrô); lembre-se de que ainda temos os nossos taxistas e os motoristas de aplicativo, com as suas belíssimas peruas Corolla, mas, AINDA ASSIM, caso você precise sair de casa a bordo do seu veículo, não se preocupe, seu ingrato! Eu te darei vias limpas e com o tráfego reduzido; provavelmente não chegarás atrasado. No entanto, na hora de estacionar, nada de parar junto ao meio-fio, viu?! Colocarás o teu *coche* nos nossos estacionamentos subterrâneos, embaixo das *nuestras* praças públicas, e nos pagará em EURO!”. Sem meias-palavras, sem jeitinho: apenas em homenagem ao meio ambiente urbano!

Fiquei tão impactado com o que vivi que voltei perdidamente apaixonado pelo urbanismo. Seria a mosca europeia que teria me picado? Definitivamente não. O que vale é a vivência que, agora, também compartilho com vocês. No entanto, confesso-lhes que o meu limite de tolerância com determinadas desculpas reduziu bastante. Como explicar a impossibilidade de se alterar o ordenamento de uma via de 300 metros com a desculpa universal de que o saldo da ação seria ruim politicamente? E, por acaso, o candidato a prefeito, uma vez eleito, não seria o gestor

daquela urbe? Ou o esfarrapado argumento de que a cidade é histórica e, portanto, “não há o que fazer”? Conheci uma com mais de 2.000 anos e nem por isso com o trânsito bagunçado. Por acaso, os nossos 151 anos de existência seriam mais sofridos, a ponto de justificar a omissão?

Relevo? Ocupação desordenada sem volta? Não. Nada disso me convence, nem a diferença de câmbio poderia justificar. O que nos falta é vontade cívica, enquanto sobra improviso; falta planejamento e estruturação estratégica, mas sobram cortes, danças e frases de efeito. E, antes que me chamem de complexado com “síndrome de vira-lata”, eu vos digo: a minha maior felicidade foi quando voltei a pisar em terras nordestinas. Tinha mar, Mata Atlântica, tinha sotaque.

**Frederico Alves Monteiro Pereira**

*Promotor de Justiça de Delmiro Gouveia*